

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v17i30.807>

A MEDICINA PARANAENSE NA ALVORADA DO SÉCULO XX: uma análise das discussões veiculadas na *Gazeta Médica do Paraná* (1901-1904)¹

PARANÁ MEDICINE AT THE DAWN OF THE 20TH CENTURY: an analysis of the discussions broadcast in *Gazeta Médica do Paraná* (1901-1904)

MEDICINA PARANAENSE EN LOS ALBORES DEL SIGLO XX: un análisis de las discusiones transmitidas en *Gazeta Médica do Paraná* (1901-1904)

JORGE TIBILLETTI DE LARA

Doutorando em História das Ciências e da Saúde (COC/Fiocruz).

Rio de Janeiro (RJ), Brasil

jorge.tibilletti@gmail.com

Resumo: No presente texto, analisam-se as discussões veiculadas no primeiro periódico médico paranaense, a *Gazeta Médica do Paraná*, no seu curto período de duração, entre 1901 e 1904. O objetivo do trabalho é entender como os médicos paranaenses ligados ao periódico interpretavam a ciência e a medicina do período, considerando a especificidade do lugar que ocupavam na produção do conhecimento médico-científico brasileiro, ao mesmo tempo em que compreendiam o periódico como ferramenta importante para a defesa de seus interesses socioprofissionais. Faz-se uma discussão sobre a especificidade da medicina e da ciência em perspectiva regional, refletindo sobre o debate centro-periferia, buscando demonstrar como a medicina longe dos grandes centros se apropriava ou não daquilo que circulava, nem sempre permanecendo alheia a esse conhecimento, tampouco o incorporando totalmente.

Palavras-chave: Medicina. Periódico Médico. Paraná. Século XX.

Abstract: In this text, we analyze the discussions carried out in the first Paraná medical journal, *Gazeta Médica do Paraná*, in its short duration, between 1901 and 1904. The objective of the work is to understand how Paraná doctors linked to the journal interpreted the science and medicine of the period, considering the specificity of the role they played in the production of Brazilian medical-scientific knowledge, while understanding the journal as an important tool for the defense of their socio-professional interests. There is a discussion on the specificity of medicine and science from a regional perspective, reflecting on the center-periphery debate, seeking to demonstrate how medicine practiced far from large centers appropriated or not what was circulating, not always remaining alien to this knowledge, neither fully incorporating it.

Keywords: Medicine. Medical Journal. Paraná. 20th century.

Resumen: En este texto, se analizan las discusiones llevadas a cabo en la primera revista médica de Paraná, *Gazeta Médica do Paraná*, en su corta duración, entre 1901 y 1904. El objetivo del trabajo es comprender cómo los médicos de Paraná vinculados a la revista interpretaron la ciencia y la medicina de la época, considerando la especificidad del lugar que ocupaban en la producción de conocimiento médico-científico brasileño, mientras entendían la revista como una herramienta importante para la defensa de sus intereses socio-profesionales. Hay una discusión sobre la especificidad de la medicina y de la ciencia en una perspectiva regional, reflexionando sobre el debate centro-periferia, buscando demostrar cómo la medicina fuera de los grandes centros se apropió o no de lo que circulaba, no siempre ajeno a este conocimiento, ni lo incorpora por completo.

¹ Artigo submetido à avaliação em janeiro de 2020 e aprovado para publicação em junho de 2020.

Palabras clave: Medicina. Revista Médica. Paraná. Siglo XX.

Introdução

O Paraná do início do século XX era, de acordo com Rosevics, um estado recentemente emancipado, com uma população composta por estrangeiros e por um grupo de brasileiros que buscavam manter sua autonomia política. Nesse sentido, a criação de instituições públicas e privadas de cultura e ciência, como o *Instituto Histórico e Geographico Paranaense*, a Universidade do Paraná, ou as associações e revistas médicas, possibilitou, nas palavras da autora, a formação de “uma coletividade, através da padronização de práticas coletivas, da instituição de um passado e de um projeto de futuro para o estado que envolvesse a todos os seus habitantes”². Assim, a despeito de sua posição política, econômica e cultural, foi buscando manter-se como parte da nação que os intelectuais, os políticos, os historiadores e os médicos paranaenses constituíram não só um imaginário regional, mas também um projeto para o estado.

Nesse imaginário, mais do que o território, “[...] um espaço físico e delimitado que unia os diversos grupos sociais”³, o Paraná era definido também pela suposta qualidade de seu clima e de seu povo, numa tentativa de estabelecer uma identidade positiva e construir um futuro para a região. Na visão do historiador paranaense Rocha Pombo (1857-1933), o Paraná possuía “excelente reputação quanto ao seu clima”, e Curitiba podia ser considerada “o Sul da Europa em terras brasileiras”⁴. Para o inspetor de higiene, Trajano Joaquim dos Reis (1852-1919), além das vantagens do clima, o povo paranaense era visto como

[...] ávido de progresso, conhece o que é higiene, sabe que existe o mundo dos infinitamente pequenos e evita-os. Os meios profiláticos empregam-nos sem conselho médico, tal é o grau de instrução. Se há descuido não é por culpa dos habitantes, é porque quase sempre faltam os recursos para pôr em prática as medidas que a razão aconselha⁵.

² ROSEVICS, Larissa. *O Instituto Histórico e Geographico Paranaense e a construção de um imaginário regional*. 2009. 149f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. p.114.

³ Ibid.

⁴ LAROCCA, Liliana Müller; MARQUES, Vera Regina Beltrão. A construção do novo Paraná: uma análise dos discursos higienistas (1853-1930). *Cogitare Enferm*, v. 15, n. 1, p. 154, jan./mar. 2010.

⁵ REIS, Trajano Joaquim dos. *Elementos de hygiene social*. Curitiba: Typografia da Companhia Impressora Paranaense, 1894. p. 45.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

Tal como visto para a região como um todo, no âmbito da medicina, a distância dos grandes centros, a falta de recursos e de infraestrutura, e o pouco reconhecimento eram os elementos que barravam o pleno desenvolvimento do campo no estado. Nesse sentido, já no início do século XX, alguns empreendimentos objetivando a constituição de um núcleo médico regional organizado podem ser vistos. De acordo com Renilson Beraldo⁶, a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Paraná surgiu com o objetivo de aglutinar profissionais médicos, antes mesmo da criação da Faculdade de Medicina do Paraná, em 1912, tendo sido “o primeiro esforço de concretização em direção aos interesses científicos e profissionais da classe médica paranaense”. Do mesmo modo, como órgão da Sociedade, a *Gazeta Médica do Paraná* foi o primeiro periódico médico a circular no Estado, na alvorada do século XX – mais precisamente em 1901. De curta duração, a revista médica em questão deu espaço para a *Revista Homeopática do Paraná* (1906), *Paraná-Médico* (1916), *Arquivos Paranaenses de Medicina* (1920), *Revista Médica do Paraná* (1931), dentre outros periódicos que, ligados às sociedades médicas do Estado, foram surgindo ao longo do tempo.

Por meio da análise desses empreendimentos, como no caso específico deste artigo – a criação da *Gazeta Médica do Paraná* e as primeiras discussões veiculadas nesse periódico –, é possível refletir sobre a medicina (paranaense) feita longe dos grandes centros. A existência de especificidades ou não, a tradução ou incorporação de teorias e ideias oriundas de outras regiões e a construção de um imaginário e de uma identidade socioprofissional são alguns dos pontos que podem ser levantados por meio da análise aqui proposta.

A historiografia paranaense vem, nos últimos anos, dando cada vez mais atenção a temas ligados à história das ciências e da saúde. Muitos trabalhos recentes investigaram a relação entre medicina e educação, as doenças, as trajetórias de médicos, o discurso higienista, a construção da Faculdade de Medicina do estado, o associativismo médico, as epidemias e serviços de saúde⁷. Antes dos anos 2000, entretanto, os trabalhos da historiadora

⁶ BERALDO, Renilson. *Ciência e associativismo médico: medicina legal e psiquiatria na Terra dos Pinherais (1930-1941)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - COC-FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2016. p. 41.

⁷ KUMMER, Carmem Silvia da Fonseca. *Não esmorecer para não desmerecer: as práticas médicas sobre a saúde da população rural paranaense na Primeira República, 1916-1930*. 131f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007; LAROCCA, Liliane Muller. *Higienizar, cuidar e civilizar: o discurso médico para a escola paranaense (1886-1947)*. 2009. Tese. (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009; CINTRA, E. *“Scientia et Labor” no “Palácio de Luz”*: a institucionalização da ciência médica e a Faculdade de Medicina do Paraná (Curitiba, 1912-1946). 2010. 250f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010; ANDRADE, Marcio Magalhães de. *Capítulos da história sanitária no Brasil: a atuação profissional de Souza Araújo entre os anos 1910 e 1920*. 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2011;

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

Márcia Teresinha Andreatta Dalledone Siqueira⁸ sobre as epidemias de varíola no século XIX permaneceram isolados por anos, como os principais textos de história da medicina e da saúde do Paraná. A especificidade da região na história desses trabalhos é, geralmente, debatida com clareza. Apontam-se caminhos diferentes que foram tomados e comparam-se experiências. Esses pontos, também serão levantados neste trabalho, ao refletirmos sobre a criação de um pequeno periódico oriundo de um grupo ainda em formação. De acordo com Barros⁹,

[...] uma região é uma unidade definível no espaço, que se caracteriza por uma relativa homogeneidade interna com relação a certos critérios. Os elementos internos que dão uma identidade à região (e que só se tornam perceptíveis quando estabelecemos critérios que favoreçam a sua percepção) não são necessariamente estáticos. Daí que a região também pode ter sua identidade delimitada e definida com base no fato de que nela poder ser percebido um certo padrão de interrelações entre elementos dentro dos seus limites. Vale dizer, a região também pode ser compreendida como um sistema de movimento interno. Por outro lado, além de ser uma porção do espaço organizada de acordo com um determinado sistema ou identificada através de um padrão, a região quase sempre se insere ou pode se ver inserida em um conjunto mais vasto.

Assim, estando a medicina paranaense inserida numa região específica, e, ao mesmo tempo, buscando estabelecer relações com outras regiões, seja no Brasil ou na Europa, cabe, neste estudo, entender qual a natureza dessa ciência feita na região delimitada. O objetivo deste artigo é entender como os médicos paranaenses, que estavam à frente do periódico *Gazeta Médica do Paraná*, pensavam a medicina no estado e se relacionavam com o conhecimento científico que estava sendo produzido fora dali. A análise da ciência em perspectiva regional nos leva, desse modo, ao clássico debate centro-periferia, um dos pontos altos na história da historiografia das ciências.

Herdando a terminologia e o conceito da teoria da dependência, fruto de um amplo debate econômico originado entre as décadas de 1960 e 1970, a noção de centro e

BERTUCCI, Liane Maria. Saúde pública na capital paranaense, dos “bons ares” à febre tifóide. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. *Anais [...]*, São Paulo, 2011; DOLINSKI, João Pedro. *Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2013; FRAIZ, I. C. *Nilo Cairo, a medicina e a Universidade do Paraná*. 2014. 267 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014; PIETTA, Gerson. *Medicina, eugenia e saúde pública: João Candido Ferreira e um receituário para a nação (1888-1938)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - UNICENTRO, Irati, 2015; ROSS, Silvia de. *Sífilis, o mal de todos: tema médico-científico nacional, discussões e práticas educativas no Paraná na primeira metade do século XX*. 2017. 245f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017; LARA, Jorge Tibilletti de. *A febre dengue em Curitiba, de Trajano Joaquim dos Reis*. *Temporalidades*, v. 11, n. 2, p. 853-864, 2019.

⁸ DALLEDONE, Márcia Teresinha Andreatta. *Condições sanitárias e as epidemias de varíola na Província do Paraná (1853-1889)*. 1980. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1980; SIQUEIRA, Márcia Teresinha Andreatta Dalledone. *Saúde e doença na província do Paraná (1853-1889)*. 1989. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1989.

⁹ BARROS, José D’Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. *Varia Historia*, v. 22, n. 36, p. 463, 2006.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

periferia foi utilizada na história das ciências para pensar no nível ou estágio de desenvolvimento científico de certos países em relação a outros. Assim, por exemplo, o Brasil seria periférico cientificamente, em relação à Alemanha, vista como centro de ciência, ou aos Estados Unidos. Essa noção transplantada da economia perdurou por longos anos na historiografia, tendo sido criados modelos de análise a respeito de como a ciência se disseminava dos centros para as periferias¹⁰. Contudo, nas últimas décadas, o debate se complexificou, grande parte devido ao trabalho de historiadores latinoamericanos, ou do chamado Sul Global. Esses trabalhos têm mostrado “[...] que o mundo caracterizado como periferia é tão denso e complexo quanto o mundo do centro, mudando a maneira de abordar o passado das práticas científicas em diferentes regiões e países”¹¹.

Ligada a isso, uma das principais discussões em história das ciências na atualidade é sobre a construção do conhecimento científico através da circulação¹². Kapil Raj sugere o estudo da circulação como um conceito central para a análise histórica da construção do conhecimento natural, geográfico, linguístico e social. Essa perspectiva permite, de acordo com o autor, demonstrar a natureza ‘policêntrica’ do conhecimento científico, considerando diferentes localidades e atores que modificam, redirecionam e partilham de um mesmo movimento circulatório sob o qual a construção do conhecimento é devedora. Essa perspectiva subsidia, no caso de nosso estudo, refletir, para além da relação centro-periferia, acerca de como a ciência e a medicina estavam sendo elaboradas num nível regional. Se o conhecimento científico é policêntrico, como argumenta Raj, entender como a ciência médica paranaense estava sendo feita é também um caminho para se pensar na pluralidade das práticas científicas operadas em diferentes regiões e contextos.

¹⁰ BASALLA, George. The Spread of Western Science. *Science*, v. 156, p. 611-622, 1967.

¹¹ SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. *Ciência, nação e região: as doenças tropicais e o saneamento no estado do Amazonas (1890-1930)*. 2009. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2009. p. 23.

¹²PATINIOTIS, Manolis. Between the Local and the Global: History of Science in the European Periphery Meets Post-Colonial Studies. *Centaurus*, v. 55, p. 361-384, 2013; RAJ, Kapil. Conexões, cruzamentos, circulações: a passagem da cartografia britânica pela Índia, séculos XVII-XIX. *Cultura*, v. 24, p. 155-179, 2007; ROBERTS, Lissa. Situating Science in Global History: Local Exchanges and Networks of Circulation. *Itinerario*, v. 33, p. 9-30, 2010; SILVA, Matheus Alves Duarte da. De Bombaim ao Rio de Janeiro: circulação de conhecimento e a criação do Laboratório de Manguinhos, 1894-1902. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 25, n. 3, p. 639-657, 2018; JOGAS JUNIOR, Denis Guedes. Trópicos, ciência e leishmanioses: uma análise sobre circulação de saberes e assimetrias. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 24, n. 4, p. 1051-1070, 2017.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

Por fim, um outro debate crucial a esta proposta é sobre o lugar e o papel dos periódicos médicos e científicos. Em se tratando da primeira metade do século XIX, Luiz Otávio Ferreira¹³ argumenta que, o surgimento dos periódicos médicos, considerados uma das primeiras instituições científicas do Brasil, possui relação com o pragmatismo científico existente a partir do fim do século XVIII. Desse modo, a valorização da ciência por parte das elites dirigentes foi responsável pela aparição de periódicos como o *Propagador das Ciências Médicas* (1827-28), o *Semanário de Saúde Pública* (1831-33), o *Diário da Saúde* (1835-36) e as *Revista Médica Fluminense* (1835-41) e *Revista Médica Brasileira* (1841-41). Enquanto os primeiros periódicos médicos brasileiros buscavam, na visão de Ferreira, estabelecer um diálogo com a elite letrada, visando ampliar a audiência da medicina e, com isso, conquistar mais legitimidade social para o seu discurso, os periódicos da segunda metade do século XIX e do início do século XX tinham como tendência a especialização, e como características o público bem focalizado.

Um exemplo disso é a *Gazeta Médica da Bahia*. Periódico independente e “livre da burocracia estatal”, foi criado no ano de 1866 e durou com poucas interrupções até 1934, constituindo-se como um dos principais periódicos médicos brasileiros no período em que ficou ativo. “O periódico baiano foi defensor de uma medicina de cunho social nas políticas públicas e da medicina experimental nas pesquisas clínicas”¹⁴. Nas últimas décadas do século XIX, o periódico baiano foi um grande, e, talvez, o principal, divulgador da teoria dos germes que emergira naquele momento,

[...] colaborando para o processo de criação e consolidação da identidade médica nacional e ultrapassou – com suas publicações de cunhos informativo, cultural, científico, crítico e político – o papel de um simples veículo de informação, sendo hoje considerada, como afirma Bastianelli (2002), uma importante fonte de pesquisas para o campo das historiografias médica e social do Brasil¹⁵.

Um outro exemplo de periódico especializado que surgiu num contexto específico, ligado não à uma sociedade médica ou à uma faculdade, mas sim a um instituto de pesquisas biomédicas, foi o periódico *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, criado oficialmente em 1907. Desde o seu início, a revista apresentava textos em língua inglesa, francesa e alemã, resultados das pesquisas experimentais que eram feitas no recém-criado

¹³ FERREIRA, Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-1843). *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 1, n. 2, p. 333-351, 1999.

¹⁴ JACOBINA et al. apud MALAQUIAS, Anderson G. O micróbio protagonista: notas sobre a divulgação da bacteriologia na *Gazeta Médica da Bahia*, século XIX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p.735. 2016.

¹⁵ *Ibid.*, p. 750.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

Instituto Oswaldo Cruz, na Fazenda de Manguinhos, no Rio de Janeiro. Com uma veia na parasitologia, microbiologia e na pesquisa clínica, o *Memórias* consolidou um modo de publicação bastante diferente das existentes até então. O periódico do IOC destoava dos demais periódicos daquele período, por conta de suas pretensões internacionalistas, que refletiam a própria natureza dos empreendimentos daquela instituição.

Se o *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* se configurava como um periódico mais científico do que médico, periódicos como *O Brazil-Médico*, criado em 1887 e a *União Médica*, criado em 1881, por exemplo, possuíam uma estrutura baseada em traduções de textos europeus, notícias de órgãos de saúde oficiais e textos ensaísticos de médicos brasileiros, algo mais próximo do periódico paranaense que iremos analisar. A estrutura dos conteúdos da maioria das revistas médicas expressava desde o século XIX, diferentemente dos periódicos mais especializados que passariam a surgir no início do século XX, não só os interesses socioprofissionais dos médicos, mas também os seus anseios políticos, intervalando entre releituras de teorias e estudos de casos estrangeiros, ciência, medicina e interpretações sociais. De qualquer modo, a disseminação científica e médica através dos periódicos passou a representar uma nova organização dos grupos de homens de ciência, e propiciou uma forma de institucionalização da ciência¹⁶. No caso da *Gazeta Médica do Paraná*, como veremos agora, mais do que representar a voz da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Paraná, o periódico também pode ser visto como um espaço não apenas de institucionalização da ciência, mas de interpretação ou negociação do conhecimento científico.

“Não somos obscurantistas”: medicina e ciência longe dos grandes centros

A *Gazeta Médica do Paraná* teve o seu primeiro número publicado no dia 12 de outubro de 1901. Compunham a redação da revista os médicos Victor Ferreira do Amaral, Reinaldo Machado e João Evangelista Espíndola como redator gerente. Concentrada na “Rua do Serrito, número 48”, a gazeta anunciava a sua estreia como a tradução de uma “necessidade inadiável no nosso pequeno centro de atividade profissional”, e, para além das questões científicas, tratava-se de uma defesa dos interesses da classe médica local. Tal como os outros periódicos médicos brasileiros do século XIX e da primeira metade do século XX, como a *Gazeta Médica da Bahia* e *O Brazil-Médico*, a recém nascida gazeta paranaense

¹⁶ TEMPERINI, Rosana Soares de Lima. *O Sertão vai virar Campo: análise de um periódico agrícola (1930-1937)*. 2003. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2003.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

apresentava em seu número inaugural artigos originais, de seus próprios redatores, sobre temas como “Obstetrícia e post-partum”¹⁷, “Tratamento de cânceres epiteliais pela mortificação arsenical”¹⁸, “Ferimento penetrante do pulmão, *hemato-pyo-pneumo-thorax*”¹⁹, artigos estrangeiros traduzidos e textos nacionais replicados. Além disso, é perceptível um esforço por parte do jornal de aglutinar informações relacionadas ao corpo médico do Estado do Paraná, com vistas a organizar, de modo sistemático, as instituições de saúde, os hospitais e seus médicos e enfermeiras, além dos órgãos e diretorias de saúde e higiene.

Em 1900, Curitiba tinha cerca de 50 mil habitantes, e era a sétima capital do país em termos de população. A região já vinha sendo modificada desde a década de 1870, quando a imigração de alemães, poloneses e italianos causou alterações sociais e demográficas²⁰. Entre o fim do século XIX e o início do século XX, as instituições de saúde da cidade resumiam-se basicamente à Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, criada em 1880, o Serviço Sanitário ou Inspetoria de Higiene, criado em 1892 – que regulamentava a atuação médica, a saúde pública e os serviços de saúde da cidade –, e o Hospício Nossa Senhora da Luz, fundado em 1903. Pouco tempo depois, o projeto de um laboratório de análises químicas e clínicas foi criado, em 1906, ligado ao Serviço Sanitário. Os médicos que atuavam nesse período em Curitiba eram, em sua maioria, formados na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro²¹, e frequentavam como clínicos e inspetores as instituições paranaenses. Muitos deles, como João Evangelista Espíndola, Victor Ferreira do Amaral e Trajano Reis também seguiam carreiras políticas e participavam de outros projetos intelectuais e educacionais. Do mesmo modo, estavam ligados à Sociedade de Medicina e Cirurgia do Paraná, criada oficialmente em 1902, e como associados, alguns deles passariam a tentativa de levar adiante a criação e manutenção de uma gazeta médica.

No expediente do primeiro número da *Gazeta Médica do Paraná*, o redator gerente, João Evangelista Espíndola direcionava sua fala aos farmacêuticos da cidade de Curitiba, a quem entregariam exemplares da revista, mas que se “não o desejarem subscrever,

¹⁷ AMARAL, Victor do. Obstetrícia e post-partum. *Gazeta Médica do Paraná*, v. 1, n. 1, p. 1-2, 1901.

¹⁸ ESPÍNDOLA, João Evangelista. Tratamento de cânceres epiteliais pela mortificação arsenical. *Gazeta Médica do Paraná*, v. 1, n. 1, p. 2-3, 1901.

¹⁹ MACHADO, Reinaldo. Ferimento penetrante do pulmão, *hemato-pyo-pneumo-thorax*. *Gazeta Médica do Paraná*, v. 1, n. 1, p. 7-8, 1901.

²⁰ KUMMER, Carmem Silvia da Fonseca. *Discurso higienista e surtos epidêmicos: medicalização em uma cidade disciplinar, Curitiba 1890-1910*. 2004. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

²¹ Haviam exceções, como é o caso do Inspetor de Higiene, Trajano Reis, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

pedimos a fineza de devolvê-lo até o dia 31 do corrente [...]”²². Anunciava a periodicidade mensal da revista, a vantagem que os senhores farmacêuticos teriam em divulgar seus produtos nas páginas do jornal, “que, embora órgão do corpo médico, entretanto, de muito boa vontade, concorrerá para a prosperidade da classe que com tanto esforço e nobreza nos auxilia em nossa penosa tarefa”²³. Espíndola concluía seus informes deixando claro o motivo pelo qual o jornal médico estava sendo tão direcionado à classe dos farmacêuticos:

Sendo reduzido o número de médicos no Paraná, tomamos a liberdade de enviar a nossa folha a cavalheiros, cuja esclarecida inteligência permitir-lhes-á acompanhar com interesse as questões higiênicas do nosso meio, assim como a propaganda contra a tuberculose a qual iniciaremos no próximo número²⁴.

De fato, a tuberculose, bem como os temas ginecológicos, a sífilis e as propagandas farmacêuticas iriam ocupar os maiores espaços das páginas da Gazeta. O redator gerente, João Evangelista Espíndola, ainda nos outros dois números do ano de 1901 do jornal, escreveria sobre a “terrível *panzootia* universal” que era a tuberculose, e as medidas práticas a serem tomadas pelo Estado do Paraná, considerando a gravidade do problema, que era demonstrada de várias formas no jornal médico, com estatísticas de mortalidade, atestando a tuberculose pulmonar como a *causa mortis* mais comum em Curitiba, ou estabelecendo uma relação entre a doença e o alcoolismo, visando com tais considerações propor medidas profiláticas que isolassem os alcoólatras e os demais doentes em sanatórios urbanos próprios.

Ao comentar trabalhos de médicos franceses sobre a tuberculose, em geral trabalhos que utilizavam muitos dados estatísticos, Espíndola reiterava, tratando como um ponto sobre o qual não havia mais dúvidas na ciência, as conclusões de Maurice Letulle (1853-1929), para o qual

[...] de todas as moléstias crônicas, a intoxicação lenta pelo álcool é a que prepara com mais segurança o organismo para a invasão bacilar, a que agrava mais o prognóstico, tornando ineficaz o tratamento higiênico-dietético [...] a luta anti-alcoólica deve associar-se, em todas as suas manifestações, à luta anti-tuberculosa e reciprocamente²⁵.

O álcool, assim, não seria apenas o “terrível precursor da tuberculose”, mas também, nas estatísticas apresentadas pelos médicos investigadores franceses que balizavam o

²² ESPÍNDOLA, João Evangelista Espíndola. Expediente. *Gazeta Médica do Paraná*, v.1, n.2, p. 8, 1901.

²³ ESPÍNDOLA. *Expediente...* op. cit., p. 8.

²⁴ Ibid.

²⁵ ESPÍNDOLA, João Evangelista. A Peste. *Gazeta Médica do Paraná*, v. 2, n. 2, p. 13, 1902.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

texto de Espíndola, tal como a de Étienne Lancereaux (1829-1910), seria um elemento mais patogênico que as habitações insalubres, a miséria, a tuberculose herdada da família e o próprio contágio de pessoa a pessoa. As conclusões de Espíndola acerca de sua campanha contra a tuberculose eram todas direcionadas para a proibição do consumo de álcool e para a conscientização dos operários, dos trabalhadores e dos pequenos industriais que, em sua visão, faziam uso excessivo da bebida²⁶:

É preciso, pois, lutar contra o maldito álcool, proibindo todas as bebidas intituladas aperitivas, amargos, etc., cuja ação perniciosa vem demonstrada desde muito tempo...

É preciso ensinar ao operário que o seu organismo é perfeitamente comparável a uma casa comercial, a uma oficina, etc., e que, toda a vez que qualquer uma destas tiver uma receita superior à despesa, há de prosperar infalivelmente; no estado de saúde a receita é representada pela alimentação boa e vigorosa e a despesa pelo trabalho e o alcoolismo sobretudo, que depaupera em vez de fortalecer.

Este impede a alimentação e portanto a receita desaparece e a quebra que é o aniquilamento, a morte enfim, será certa, porque de todas as suas formas é a tuberculose dos alcoólicos a mais grave.

É quase incurável²⁷.

A tuberculose, assim como o alcoolismo e a sífilis, eram alguns dos principais temas médicos do período, e uma busca rápida em periódicos como *O Brazil-Médico* é suficiente para atestar a frequência de debates sobre o assunto. Parte da motivação médica em discutir tais temas de modo sistemático e articulado está relacionada, *grosso modo*, ao contexto de crescimento das cidades e aumento populacional, em curso em diferentes regiões do Brasil no início do século XX, processo que impulsionou o discurso higienista. A higiene, nesse sentido, entendida não só como ciência, mas também como ideologia²⁸, pode ser considerada um dos elementos que caracterizaram projetos como a *Gazeta Médica do Paraná*, servindo como meio de divulgação de ideias, práticas e orientações.

Na primeira sessão da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Paraná, comentada no início da oitava edição da *Gazeta*, em seu segundo ano de existência, mencionava a proposta de Menezes Doria, de que os membros redatores da *Gazeta Médica*, os médicos Victor Ferreira do Amaral, João Evangelista Espíndola e Reinaldo Machado deveriam se juntar aos médicos Trajano Joaquim dos Reis, Menezes Doria e Luiz Navarro na comissão para a

²⁶ Espíndola também tece comentários sobre o excesso de álcool na alta sociedade curitibana, pois “nesta cidade também já se faz uso do absinto”. ESPÍNDOLA. *A Peste...* op. cit., p.14.

²⁷ Ibid.

²⁸ LAROCCA, op. cit.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

elaboração dos estatutos da recém criada Sociedade. Muitos dos médicos que estavam ligados à Sociedade como um todo, mas, sobretudo, à comissão em questão, não se limitavam aos interesses socioprofissionais da classe médica e a atuação clínica, mas também produziam ciência e estavam em consonância com o que tinha de mais novo em termos de teorias biomédicas. Para aprofundar essa argumentação, serão utilizados como exemplo dois dos médicos ligados à Gazeta e à Sociedade, por uma questão de delimitação, Victor Ferreira do Amaral (1862-1953) e Trajano Joaquim dos Reis (1852-1919).

Tal como Leocádio José Correia (1848-1886), conhecido médico da cidade de Paranaguá, que morrera na década da ascensão da bacteriologia koch-pasteuriana, os médicos do entorno da *Gazeta Médica do Paraná* também estabeleceram esforços com vistas a inserir o pequeno e distante núcleo médico paranaense no circuito da ciência médica nacional.

Apesar de residir e exercer as artes de curar em uma cidade e província periféricas, Leocádio Correia empreendeu esforço para manter-se a par do que seus pares produziam a respeito da febre amarela nos laboratórios e universidades dos principais centros urbanos nacionais e internacionais²⁹.

Em meio a artigos sobre as causas da mortalidade nos médicos, ou sobre “Como se deve subir uma escada?”³⁰, na quinta edição do ano de 1902, o médico Victor Ferreira do Amaral, um dos autores mais recorrentes na Gazeta, publicou o artigo intitulado “Os mosquitos como agentes de contágio”³¹. Embora já se passassem mais de 20 anos da formulação da teoria do contágio ou transmissão da febre amarela pelo mosquito, elaborada pelo médico cubano Carlos Juan Finlay (1833-1915) em 1881, foi apenas com a confirmação da teoria de Finlay em 1900 pela *Yellow Fever Commission* - comissão de pesquisa do exército norte-americano -, liderada pelo médico Walter Reed (1851-1902), que a teoria culicidiana começou a circular mais entre o meio médico, ainda, é claro, de modo tímido.

Victor Ferreira do Amaral (1862-1953) nasceu no ano de 1862 na cidade da Lapa, na então Província do Paraná. Em 1884, obteve o título de Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, cidade na qual havia chegado aos 12 anos de idade, para estudar no Colégio Abílio da Corte. No âmbito da medicina, Amaral estabeleceu uma longa carreira dedicada aos estudos em ginecologia e obstetrícia. Em 1884 publicou o livro da sua tese de doutoramento, intitulado “Influência da prenhes sobre as moléstias pulmonares”.

²⁹ DOLINSKI, op. cit., p. 33.

³⁰ COMO se deve subir uma escada? *Gazeta Médica do Paraná*, v. 2, n. 4, p. 31, 1902.

³¹ AMARAL, Victor do. Os mosquitos como agentes de contágio. *Gazeta Médica do Paraná*, v.2, n. 5, p. 34-35, 1902.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

Como político, assumiu diversos cargos na municipalidade de Curitiba e no Estado do Paraná, como deputado e vice-governador. Trabalhou em inúmeros projetos, sendo a criação da Universidade do Paraná em 1912, juntamente com o médico homeopata Nilo Cairo da Silva (1874-1928), um de seus feitos mais reconhecidos pela memória paranaense.

Em “Os mosquitos como agentes de contágio”, Amaral demonstra um conhecimento bastante atualizado com relação ao papel dos insetos e, sobretudo, dos mosquitos, na patogênese das doenças infecciosas. Menciona os nomes de “Nott, Finlay e Patrick Manson” além de Charles Louis Alphonse Laveran (1845-1922), que teve, na visão do autor, “genial intuição da evolução desse parasita [plasmodium] no corpo da vasta família dos insetos sugadores, os culicídeos ou mosquitos (pernilongos). Assim,

O edifício arquitetado sobre os miasmas e vírus, solapado em suas bases pelos golpes certos da ciência hodierna, parece que não resistirá por muito tempo à derrocada das investigações que, dia a dia, projetam mais luz sobre a patogenia de tantas entidades mórbidas³².

A escrita de Victor Ferreira do Amaral, apresentando os mosquitos como agentes transmissores de doenças importantes como a malária, ou a febre amarela, parece guardar um tom reconfortante de alívio, pois a partir daquele momento já seria possível “impunemente arrostar os ares das regiões lacustres, zombando do paludismo”.

É um verdadeiro prodígio, milagre da ciência!

Cercado das mais rigorosas precauções, de modo a evitar-se a mais leve picada de um culicídeo do gênero *Anopheles*, tanto de dia como à noite, pode-se passar incólume, e com toda a segurança, pelos vastos e letíferos domínios da malária³³.

A relação entre os mosquitos e a febre amarela, por sua vez, foi apresentada de modo mais ponderado. Amaral estabelece Carlos Finlay, “nos Estados Unidos”, e Adolpho Lutz, no Instituto Bacteriológico de São Paulo, como os primeiros a “propagar a opinião” de que a febre amarela era inoculada e difundida pelos mosquitos *Culex fasciatus* ou *Culex toenuiatus*. O autor considerava, também, a confirmação dos médicos do exército norte-americano, em 1900, como algo fundamental nessa história. A grande questão para Victor Ferreira do Amaral, no entanto, estava na dificuldade em aceitar os argumentos de que a febre amarela era transmitida exclusivamente pelos mosquitos do gênero *Culex*, excluindo a ideia

³² Ibid.

³³ Ibid.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

estabelecida há muito de que o contágio também se dava por meio de roupas de doentes e objetos poluídos pelo vômito negro.

Com a mesma convicção com que aceitamos a intervenção dos *Anopheles* na transmissão do hematozoário de Laveran, rejeitamos o papel idêntico atribuído aos *Culex* na propagação da febre amarela, enquanto novas investigações não nos vierem convencer do contrário³⁴.

Confrontando as teorias de Giuseppe Sanarelli (1864-1940), para o qual o agente patogênico da febre amarela era o *bacillo icterode*, com as teorias de Finlay e dos americanos, Victor Ferreira do Amaral ainda não estava convencido de que a febre amarela era, tal como a malária, causada exclusivamente por um mosquito. Entretanto, ao tecer suas impressões sobre o assunto, o médico paranaense não estava apenas divulgando um tema ainda pouco conhecido. A seletividade de Amaral em considerar o *Anopheles* como transmissor da malária uma maravilha da ciência e criticar a fragilidade da teoria do *Culex* como transmissor da febre amarela evidencia a sua forte crença nos postulados higiênicos que ainda vigoravam naquela época, e, pode ser interpretada, de certa forma, como uma defesa do forte discurso médico higienista que era veiculado não só na *Gazeta Médica do Paraná*, mas também nos escritos e, oficialmente, nos trabalhos de outros médicos, como o Inspetor Geral de Higiene do Estado do Paraná, Trajano Joaquim dos Reis.

Aceitar sem discrepância tão categóricas afirmações importa em destruir tudo o que a observação de milhares de fatos positivos havia arquitetado em relação ao contágio da febre amarela. A profilaxia dessa afecção seria transformada *de fond en comble*. Uma verdadeira revolução se operaria na higiene defensiva contra tão temível epidemia³⁵.

Trajano Joaquim dos Reis (1852-1919) nasceu na cidade de São Félix, na Bahia. Em 1875, obteve o título de Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, com tese sobre “Dystocia proveniente do feto e suas indicações”. Semelhante a Victor Ferreira do Amaral, sua tese inaugural e os seus primeiros trabalhos eram vinculados à cadeira de partos, à obstetrícia e às moléstias de crianças. Após se formar, Trajano Reis migrou para o Paraná, pelo Corpo de Saúde do Exército, mas logo que chegou pediu exoneração de seu cargo e abriu clínica médico-cirúrgica. Dos cargos públicos que ocupou no sul do Brasil, o de Inspetor Geral de Higiene do Estado do Paraná marcou a sua atuação política e médica entre 1889 e início da década de 1910. Em 1894 publicou o livro

³⁴ Ibid.

³⁵ Ibid..

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

“Elementos de Higiene Social”, que além de apresentar uma lista das doenças que atravessavam o Paraná, ainda anexava formalmente os regulamentos sanitários do Estado. Dois anos depois, em 1896, Trajano Reis publicou um conjunto de quatro textos na *Gazeta Médica da Bahia*, famoso periódico de sua terra natal. Os textos eram compostos de observações clínicas, epidemiológicas e laboratoriais, e resultavam da sua atuação como inspetor de higiene e como clínico particular. As doenças das quais Trajano Reis se ocupou nesses textos foram: a berne, o angioma, a escarlatina e a dengue.

Em “Berne” e “Um caso de angioma”, o médico baiano apresentava detalhadamente os sintomas observados em suas pacientes, duas crianças filhas de imigrantes, e, no caso da berne, demonstrava um bom conhecimento de parasitologia, apresentando os caracteres morfológicos da larva e sua evolução no tecido humano e animal, e entomológicos da mosca transmissora. Em “A epidemia de escarlatina em Curitiba: de setembro de 1895 a agosto de 1896”, Trajano Reis, por sua vez, demonstrava dominar as técnicas bacteriológicas e, além disso, utilizá-las em seu dia a dia como inspetor de higiene, com seus próprios recursos e em seu próprio laboratório. Reis relatava, no artigo, que das matérias expelidas das gargantas dos doentes que foram analisadas em seu microscópio, na epidemia de escarlatina, 68 apresentaram o agente etiológico da referida doença. O exame bacteriológico havia revelado o bacilo de Loeffler e cadeias de *Streptococcus* e *Staphylococcus*.

No caso de seu texto sobre a epidemia de dengue em Curitiba, Trajano Reis apresentava dados sintomatológicos e epidemiológicos, mas não faz inferência alguma acerca da agência etiológica da doença. Dessa vez, nem mosquitos nem bacilos e micróbios faziam parte da nosografia do médico. O interessante, no caso desse texto, é refletirmos sobre como Trajano Reis teria chegado ao diagnóstico de dengue, pois tratava-se de uma doença muito pouco estudada nesse período, e os trabalhos existentes no Brasil acerca dessa entidade definiam e identificavam, quando o faziam, miasmas ou micróbios como agentes causais, mas não estabeleciam ligações entre a doença e os insetos alados³⁶. Nesse contexto, por exemplo, a dengue era muito mais associada à influenza do que à febre amarela e o inspetor de higiene do Paraná, Trajano Reis, ao publicizar suas observações sobre a dengue, faz um esforço de elucidar aspectos ainda nebulosos da doença, como as suas especificidades clínicas.

Assim, com essa pequena análise de dois médicos que atuavam no Paraná e estavam ligados à *Gazeta Médica do Paraná*, a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Paraná e

³⁶ LARA, op. cit.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

a política e instituições oficiais de saúde do Estado, é perceptível a tentativa corrente não só de inserir a medicina paranaense no circuito de discussões médico-científicas nacionais e internacionais da virada do século, como também de se apropriar dos temas que circulavam no momento. Textos sobre doenças desconhecidas como a dengue e o berne, e teorias novas como a teoria culicidiana estavam sendo produzidos e apurados numa região que, tradicionalmente, sempre foi vista como periférica, inclusive pelos próprios personagens aqui analisados.

A edição de junho de 1904 da *Gazeta Médica do Paraná* suspendeu o hiato de publicações do ano anterior. O jornal havia ficado inativo durante um ano, e o redator-chefe, João Evangelista Espíndola, não expunha no texto que anunciava o seu retorno, os motivos pelos quais houve a interrupção. Entretanto, além de reavivar os objetivos do periódico médico, a escrita deixa claro, em tom de manifesto, o pequeno lugar ocupado pela *Gazeta* no âmbito médico nacional:

Eclipsada a *Gazeta Médica do Paraná* por circunstâncias que não vem ao caso acentuar, volve ela à publicidade, retomando seu modesto e obscuro lugar na imprensa médica do país, em nome da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Paraná, da qual é órgão.

Não alimentamos a pretensão de orientar a opinião dos médicos que, neste Estado, exercem com honra e vantagem a clínica; seremos um repositório documentado do movimento científico que se vai operando em todos os círculos profissionais, movimento sobremodo acelerado com os valiosos subsídios das investigações modernas que, desde Pasteur, têm imprimido novo rumo às cogitações médicas³⁷.

O texto continua com Espíndola reiterando o comprometimento da *Gazeta Médica do Paraná* com o “grande anônimo, o povo, a sua boa higiene pública e privada”, comentando sobre as profundas mudanças sob as quais a capital do Estado estava passando naquele período de virada de século e, ainda, expressando certo desapontamento com relação as controvérsias científicas entorno da terapêutica da malária.

Ainda estará bem viva na memória do leitor a sensacional comunicação de Gauthier à Academia de Paris sobre as virtudes específicas do arrenal³⁸ no impaludismo agudo, verificadas por Billet.

O eco repercutiu, sonoro de esperanças, em todas as quebradas da malária e o entusiasmo pelo sol que nascia chegará ao auge.

Entretanto, as decepções logo vieram e na mesma Academia Laveran protestou reentronando o quinino e dando aos arsenicais o papel de tônico o qual sempre representaram, desde tempos imemoriais, na afecção palúdica³⁹.

³⁷ ESPÍNDOLA, João Evangelista. Redação. *Gazeta Médica do Paraná*, v. 3, n. 1, p. 1-2, 1904.

³⁸ Composto arsenical de uso farmacêutico moderadamente tóxico, que é o metilarseniato de sódio.

³⁹ ESPÍNDOLA. Redação... op. cit.

É perceptível aqui, mas também em outros trechos já analisados, a forma *sui generis* como os médicos da região interpretavam a ciência advinda da Europa, buscando sempre conciliar os novos postulados científicos com a estrutura mantida pelo discurso higienista proveniente da Gazeta e da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Paraná, excluindo aquilo que não lhes servia no momento – como Victor Ferreira do Amaral em seu texto sobre os mosquitos e o contágio – e selecionando o que estava a favor do *modus operandi* da medicina paranaense:

Não somos obscurantistas, longe disso, mas representamos no estudo dos graves problemas terapêuticos a observação cuidadosa dos fatos e quiçá o pensamento unívoco do núcleo profissional que não evoluiu no nosso meio social por uma questão *ad hominem*, exclusivamente, isto é, visando o interesse único da classe⁴⁰.

A última edição que conhecemos da *Gazeta Médica do Paraná* é a de julho de 1904, um mês depois do retorno das atividades do periódico. A partir de então vários outros periódicos médicos surgiram nas próximas décadas⁴¹, dando fim ao primeiro projeto impresso da medicina paranaense.

O curto período de duração da *Gazeta Médica do Paraná* levou, inclusive, a equívocos por parte de “médicos historiadores” que trataram da história da medicina e de suas associações no Paraná. João Carlos Simões, por exemplo, afirmou ser o *Paraná-Médico* (1916) a primeira revista médica científica do estado, ignorando ou desconhecendo a existência não só da *Gazeta Médica do Paraná* (1901), mas também da *Revista Homeopathica do Paraná* (1906), que embora fosse um projeto do médico paranaense Nilo Cairo em favor da divulgação da homeopatia, tratá-la como “pseudocientífica” seria, no mínimo, anacrônico, dado que à época, um amplo embate envolvendo homeopatia, alopatia, microbiologia e higienismo dificulta qualquer tentativa de delimitação rígida dos terrenos da ciência médica no início do século XX⁴². Osvaldo Pilotto, por outro lado, em livro sobre a imprensa paranaense, destaca o surgimento pioneiro da *Gazeta Médica do Paraná*. A contradição em relação à existência da revista foi comentada por Gerson Pietta, em sua

⁴⁰ Ibid..

⁴¹ BERALDO, op. cit.

⁴² LARA, Jorge Tibilietti de. Entre a saúde e a moléstia: Nilo Cairo e o vitalismo no início do século XX. *Cadernos PET-Filosofia (UFPR)*, v. 16, p. 119-137, 2015.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

dissertação de mestrado⁴³. Fica claro porém, que nenhum desses autores analisou o conteúdo do periódico, ou mesmo teve contato direto com a documentação.

De acordo com Shapin e Schaffer, as diferenças entre teorias de produção e avaliação do conhecimento podem ser evidenciadas pela existência de distintas “tecnologias literárias”. Essas tecnologias, “dramatizam as relações sociais e as práticas consideradas apropriadas para a produção do conhecimento”⁴⁴. Assim, a apresentação de evidências e observações como resultados de experimentos, por exemplos, buscam ilustrar as conclusões alcançadas pelo método utilizado, e não determinar a crença. Considerar a *Gazeta Médica do Paraná* como tecnologia literária, nesse sentido, pode ser um bom caminho para compreender como a sua criação e manutenção possui relação direta com outras esferas sociais, como a das instituições de saúde, o projeto higienista e o palco da política, frequentado por muitos dos médicos ligados ao periódico. As “práticas consideradas apropriadas para a produção do conhecimento”, assim, estão implícitas nas considerações e interpretações feitas ao conhecimento científico em circulação, como as novas teorias do contágio e as controvérsias da terapêutica da malária, e são balizadas pelo aparato higienista do grupo e sua experiência clínica e científica.

Considerações finais

Este trabalho buscou refletir sobre a medicina paranaense no início do século XX, e como um pequeno núcleo de médicos associados interpretou algumas das principais discussões do período, como a tese de que certas doenças eram transmitidas por mosquitos. A análise das edições disponíveis da *Gazeta Médica do Paraná*, possibilitou, ainda que de modo limitado, refletir sobre como os médicos paranaenses, antes mesmo da criação da Faculdade de Medicina do Paraná, em 1912, pensavam, interpretavam e negociavam o conhecimento científico, ao mesmo tempo em que se preocupavam em organizar e manter a legitimidade de suas atividades, bem como os interesses de sua classe profissional.

⁴³ PIETTA, op. cit., p. 121.

⁴⁴ SHAPIN, Steven; SCHAFFER, Simon. *El Leviathan y la bomba de vacío: Hobbes, Boyle y la vida experimental*. Bernal: Editorial Universidad Nacional de Quilmes, 2005. p. 208.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

Trabalhos como o de Vieira e Lima⁴⁵, sobre a *Revista Goiana de Medicina* e os estudos sobre a doença de chagas em Goiás, expressam muito bem como as revistas médicas e os periódicos científicos podem simbolizar e expressar as atividades de núcleos regionais de médicos, modificando inclusive os rumos desses médicos e de seus trabalhos, servindo como parte de estratégias institucionais, ou mesmo angariando reconhecimento e visibilidade. Evidentemente, a experiência da *Gazeta Médica do Paraná*, por sua vez, foi infinitamente menor e efetiva do que o exemplo goiano, ou mesmo do que a famosa *Gazeta Médica da Bahia*. Entretanto, a sua pouca expressão frente a medicina nacional, ou até mesmo regional, e a sua curta duração, também podem indicar as dificuldades de se fazer medicina numa região que, para além do “bom clima” e do “bom povo”, ainda carecia de infraestrutura, apoio político e econômico, e articulação. Como ressalta Beraldo, embora desde o início do século XX já houvessem experiências médico-associativas no estado do Paraná, como a analisada neste artigo, é apenas entre as décadas de 1920 e 1930 que uma mobilização mais intensa é perceptível, “no que diz respeito à congregação e confraternização da categoria médica daquele estado”⁴⁶

Assim, em um período no qual não se havia formação de médicos no estado, tampouco agremiações com força política suficiente, os médicos ligados à *Gazeta Médica do Paraná* entravam no século XX ainda muito distantes, em termos de infraestrutura, daquilo que era produzido nos grandes centros. Atrelado à isso, a forte tradição higienista ainda reinava e orientava suas interpretações a respeito de doenças como a tuberculose, a malária ou a febre amarela. Embora tivessem contato com algumas das principais discussões oriundas de outras regiões, isso não era suficiente para que fossem convencidos da mudança de determinados postulados médico-científicos.

Mas essa distância dos grandes centros, e a falta de instituições e infraestruturas científicas, não é, do mesmo modo, suficiente para atestar a condição “periférica” da ciência médica paranaense, tampouco a existência ou não de produção científica. Os médicos paranaenses faziam ciência ao se posicionar, como analisado neste artigo, em relação ao que estava sendo produzido na Europa e na América Latina. Assim, defendiam a prática higienista, fortalecida no período em decorrência das mudanças sociais, demográficas e políticas. A produção de ciência no Paraná passava, nesse período, pelo esforço de divulgar

⁴⁵ VIEIRA, Tamara Rangel; LIMA, Nísia Trindade. Uma vitrine para os médicos do sertão: a Revista Goiana de Medicina e a doença de Chagas em Goiás (1955-1962). *Revista Brasileira de História*, v. 37, n. 76, p. 163-186.

⁴⁶ BERALDO, op. cit., p. 170.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 181 - 199. ISSN: 1808-8031

ideias que circulavam universalmente a nível local, angariando força política e legitimidade social, como no caso do discurso endereçado aos colegas farmacêuticos. Desse modo, essa ciência era produzida através da interpretação, apropriação e reformulação - conforme os interesses desses médicos - dos postulados científicos que vinham dos grandes centros. Essa dinâmica circulatória, nos termos de Raj, expressa o fato de que os atores tinham conhecimento sobre o que estava sendo produzido e buscavam, também, interferir nesse processo. A recepção local das informações científicas, como observado, modifica a natureza da informação primeira, devido às especificidades culturais, políticas e institucionais do núcleo de especialistas, e essa dinâmica pode ser observada por meio das discussões veiculadas no periódico analisado.